

SOCIOGÊNESES DO INTELLECTUAL NO BRASIL: fabricações culturais, disputas e legitimação em microcampos socioacadêmicos

Gustavo de Almeida Antunes (UFC)¹,
gustavodealmeidaantunes@email.com

Samuel de Lima Aquino (UFC)²,
samuelaquinosociologia@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa insere-se no campo da Sociologia da Cultura e dos Intelectuais e investiga a sociogênese da figura do intelectual, compreendendo-a não como um dado natural ou fruto de genialidade isolada, mas como uma ontologia social fabricada por complexas redes de interdependência. A problemática central reside na análise dos mecanismos processuais e simbólicos que transmutam indivíduos em "intelectuais" legítimos, questionando como essa categoria é construída, disputada e validada coletivamente. Para tanto, o estudo articula a sociologia processual de Norbert Elias (mobilizando os conceitos de figuração e sociogênese) com a teoria dos campos de Pierre Bourdieu, focando nas noções de *habitus* e capital simbólico. Adota-se, ainda, a perspectiva da fabricação epistêmica (Knorr-Cetina) para demonstrar como os microcampos sociais produzem ativamente a identidade do intelectual. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental de abordagem qualitativa. Os resultados parciais indicam que a "fabricação" do intelectual ocorre através de uma reescrita teleológica da biografia, onde a trajetória individual é narrada como destino coletivo, ocultando as incertezas do processo. Constatou-se que a legitimidade não é um atributo intrínseco, mas relacional, dependendo da posição do agente em figurações específicas e de sua capacidade de mobilizar redes de reconhecimento mútuo. Por fim, observou-se que a definição de quem é ou não intelectual é perpassada por tensões contínuas entre grupos estabelecidos (detentores da etiqueta acadêmica e do controle dos microcampos) e grupos *outsiders*, revelando que a ontologia do intelectual é, em última instância, um produto instável de lutas por poder simbólico.

Palavras-chave: Sociogênese. Figuração. Fabricação Social. Intelectuais. Microcampo.

1 INTRODUÇÃO

A Sociologia da Cultura constitui-se, contemporaneamente, como um campo importante para a análise das condições sociais de produção, circulação e apropriação dos bens simbólicos (Bourdieu, 2007). Socio-historicamente, esta disciplina rompeu com as abordagens

¹ Graduando em Ciências Sociais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8649938601885513>

² Doutorando em Sociologia (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6127284605512832>

idealistas que tratavam a cultura como uma esfera autônoma e transcendente, passando a investigar as bases mais concretas e as lutas de poder que sustentam a vida do espírito. Neste contexto, a análise sociológica não se volta apenas para as obras culturais em si, mas fundamentalmente para os agentes sociais que detêm a prerrogativa de produzi-las e legitimá-las (Bourdieu, 1989).

É neste cenário que se insere a Sociologia dos Intelectuais. Longe de tratar tais agentes como portadores natos de uma genialidade a-histórica ou como meros reflexos mecânicos de classes sociais, esta área busca compreender a posição específica daqueles que reivindicam o monopólio do saber legítimo e da autoridade crítica. A figura do intelectual, portanto, deixa de ser um dado natural para tornar-se um problema sociológico: ele é um produto de contextos históricos específicos, de sistemas de ensino, de mercados editoriais e de redes de sociabilidade que conferem validade ao seu discurso.

Entretanto, apesar dos avanços na literatura, ainda persiste o desafio de compreender a dimensão sociocultural dessa categoria social. Como se opera a transição do indivíduo comum para o sujeito reconhecido socialmente como “intelectual”?

A presente pesquisa enfrentou essa questão adotando uma perspectiva construtivista, processual e reflexiva. Partiu-se da premissa de que o intelectual não “nasce” pronto, nem é apenas nomeado; mas sim é o resultado de uma sociogênese complexa (Elias, 1993; 1994) e de uma fabricação social contínua (Knorr-Cetina, 1999). A problemática central deste estudo reside, portanto, na seguinte indagação: quais são os mecanismos relacionais e simbólicos que transmutam um indivíduo em um intelectual reconhecido dentro de uma cultura e quais disputas de legitimidade sustentam essa categoria social?

Para responder a tal problemática, foi mobilizado um arcabouço teórico que articula a sociologia das configurações de Norbert Elias (1993; 1994; 2008) e a sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu (1989; 2004; 2011), atravessados pelo conceito de fabricação epistêmica de Karin Knorr-Cetina (1999).

A pesquisa passou a compreender que o intelectual não existe como um átomo isolado (*Homo clausus*), mas como um nó em uma rede de interdependências. A sua formação é um processo de longa duração que envolve não apenas a aquisição de conhecimento, mas a modelagem de uma estrutura psíquica e de comportamento (*habitus*) adequada às exigências de sua rede (Elias, 2008). A fabricação do intelectual ocorre no interior de campos de força

onde agentes disputam uma definição de “cultura” e de “intelectual” que lhes seja favorável. O problema de pesquisa, portanto, não é saber "quem é" intelectual, mas "como se fabrica" um, através de quais ritos de instituição e sob quais condições de disputa entre grupos que detém a legitimidade de determinar quem é e quem não é um intelectual.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e documental, de natureza qualitativa e interpretativa. O corpus de análise foi delimitado para observar como a própria sociologia contemporânea reconstrói e valida a figura do intelectual.

Nesse sentido, o material empírico consistiu na análise de artigos biográficos, entrevistas, dossiês comemorativos e obituários acadêmicos, além de biografias e autobiografias de inúmeros autores publicados em editoras e periódicos acadêmicos. A escolha desse recorte visa compreender a fabricação do intelectual na contemporaneidade e a revisão histórica recente, de média duração. Algumas revistas selecionadas são: *Sociologias* (UFRGS), *Tempo Social* (USP), *Plural* (USP), *Cadernos Pagu* (Unicamp), *Cronos* (UFRN).

Nessa perspectiva, a análise do material segue a abordagem da análise de conteúdo sob uma perspectiva configuracional-elisiana e fenomenológico-bourdiesiana. Foram aplicadas as seguintes categorias analíticas aos textos: i) ritos de instituição: menções a prêmios, concursos, titulações e momentos de "virada" na carreira que funcionam como batismo ontológico; ii) redes de interdependência (figuração): como os textos descrevem as relações do intelectual com mestres, discípulos e rivais, quem legitimou o sujeito, de quem ele dependia; iii) habitus e autocontrole: descrições de comportamentos, "genialidade", ascetismo ou engajamento político que são valorizados ou criticados nas narrativas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os levantamentos iniciais e a análise teórica preliminar apontam para três eixos de resultados que corroboram a tese da "fabricação" social do intelectual.

O primeiro eixo trata sobre a biografia como tecnologia de fabricação ontológica: a análise preliminar dos textos nos periódicos e editoras selecionados indica que a narrativa acadêmica opera uma transubstanciação da trajetória individual. A vida do intelectual é

frequentemente narrada teleologicamente, como se o sujeito tivesse nascido para ocupar aquela posição no campo. Observa-se que a fabricação ocorre através da omissão das incertezas e da ênfase na coerência do pensamento. O intelectual é construído discursivamente como um ser dotado de uma “segunda natureza” (Elias, 1994), onde o *habitus* acadêmico (o gosto pela leitura, o distanciamento crítico) é naturalizado. A pesquisa sugere que os periódicos funcionam como fábricas de consagração, onde a publicação de um dossiê ou entrevista atua como um selo de autenticidade ontológica.

O segundo eixo dispõe sobre a interdependência como fonte de legitimidade: contra o mito do gênio solitário, os dados apontam que a legitimidade do intelectual é estritamente relacional (Elias, 1995). Nas biografias e entrevistas analisadas, a figura do intelectual emerge sempre de uma figuração densa. A posição de intelectual não é um atributo da pessoa, mas uma função da rede. Identificou-se que a fabricação depende da capacidade do agente de se colocar no centro de cadeias de interdependência: ser citado, ser convidado, orientar teses, etc. Quando essas cadeias se rompem, a ontologia do intelectual fragiliza-se. A pesquisa destaca que os microcampos (grupos de pesquisa, conselhos editoriais das revistas analisadas) atuam como sociedades de corte (Elias, 2001), onde a etiqueta de citação e o reconhecimento mútuo são as moedas que compõem a existência social do intelectual.

Finalmente, o terceiro e o último eixo trata sobre o ponto de disputas de fronteira, ou, em referência a Elias (1997; 1994; 2008), as fronteiras e as interrelações entre indivíduos em suas figurações sociais. A investigação revela que a categoria intelectual é um conceito em disputa. A fabricação do “verdadeiro intelectual” ocorre simultaneamente à fabricação do “falso intelectual” (o divulgador, o panfletário, o técnico). As figurações são construtos inseparáveis das dinâmicas sociais, redes de interdependência e relações de poder (Elias e Scotson, 2000), a exemplo, na mesma cidade perscrutada por ambos autores, de nome fictício Winston Parva, prevaleciam noções de diferença e criação de zonas assentadas na figuração estabelecidos-outsiders. Em alusão à esta figuração, é possível inferir comparações na atualidade dos microcampos socioacadêmicos através de duas categorias: 1) figuras intelectuais descritas no lugar social que denota profundidade e rigor (estabelecidos); 2) enquanto outras são associadas à superficialidade ou ao modismo (outsiders). Knorr-Cetina (1999) nos auxilia a ver que essas distinções são produtos de culturas epistêmicas. O resultado parcial indica que a ontologia do intelectual no Brasil contemporâneo está sendo renegociada:

a antiga figuração baseada na erudição enciclopédica está em disputa com novas figurações que valorizam a especialização técnica ou o engajamento identitário. A fabricação tornou-se um processo visível e contestado, onde a legitimidade não é mais garantida apenas pela posição universitária, exigindo uma constante performance de validação nos microcampos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstra que o intelectual é uma entidade socialmente fabricada, cuja existência depende da manutenção ativa de figurações de interdependência e da vitória em disputas simbólicas nos campos e microcampos culturais-científicos. Longe de ser uma essência, ser intelectual é um *status* atribuído e performado, sustentado por rituais institucionais e narrativas biográficas que, muitas vezes, ocultam as próprias condições sociais de sua produção. A perspectiva construtivista, aliando Elias e Bourdieu, revela as engrenagens ocultas dessa fabricação, desnaturalizando o prestígio e expondo as lutas de poder que definem quem tem o direito de pensar pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. **Envolvimento e distanciamento**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- KNORR-CETINA, Karin. **Epistemic cultures: how the sciences make knowledge**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.